

***O AVESSE DA PELE: RACISMO, PRECARIEDADE E  
NECROPOLÍTICA NO ROMANCE DE JEFERSON TENÓRIO***

*O AVESSE DA PELE: RACISM, PRECARIOUSNESS AND  
NECROPOLITICS IN JEFERSON TENÓRIO'S NOVEL*

João Vitor Dias DA CRUZ<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa discute, à luz das teorias da filósofa estadunidense Judith Butler (2020) e do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), a precariedade corporal e o exercício da necropolítica atrelado ao romance contemporâneo do autor carioca Jeferson Tenório, *O avesso da pele* (2020). A partir de uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, investigo, no decorrer deste texto, os seguintes aspectos: a fim de desrecalar as vozes silenciadas dos sujeitos negros, o romancista dá amplitude à voz de seu personagem principal, Henrique, para reverberar a forma como o luto e a precariedade corporal agem de modo distintos em cada corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Precariedade; Necropolítica; *O avesso da Pele*.

**ABSTRACT:** This research discusses, in light of the theories of the American philosopher Judith Butler (2020) and the Cameroonian philosopher Achille Mbembe (2018), the precariousness of the body and the exercise of necropolitics in the contemporary novel by the Rio de Janeiro author Jeferson Tenório, *O avesso da pele* (2020). Based on an exploratory, bibliographical research, I investigate, throughout this text, the following aspects: In order to de-escalate the silenced voices of black subjects, the novelist gives amplitude to the voice of his main character, Henrique, to reverberate the way mourning and bodily precariousness act differently in each body.

**KEYWORDS:** Precariousness; Necropolitics; *O avesso da pele*.

## **1 Introdução**

O portal de notícias eletrônicas *GI* em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES, no nível de mestrado acadêmico em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – Instituto de Letras, ILUFBA, Salvador – Bahia, Brasil. E-mail: [jvitor.kiss61@gmail.com](mailto:jvitor.kiss61@gmail.com).

São Paulo (USP) realizaram uma análise de dados correspondente ao ano de 2020, através do monitor de violências de cada estado brasileiro, das vítimas de assassinato pela polícia. Segundo o estudo, 78% dos mortos pelos policiais no Brasil eram negros (SILVA; *et al*, 2020). O levantamento reverbera uma abordagem extremamente ostensiva que reflete o racismo histórico permanente nas sociedades do Brasil.

Diante dos dados mencionados acima, estabeleço uma relação deles com o romance *O avesso da pele*, do escritor carioca Jeferson Tenório (2020), tendo como *locus* discursivo o racismo como fruto de uma necropolítica vigente nas camadas mais carentes do Brasil. Jeferson Tenório é natural do Rio de Janeiro e, após seu nascimento em 1977, mudou-se para o Rio Grande do Sul. Por lá, fez sua graduação em Letras e, anos mais tarde, seu mestrado em estudos literários africanos, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Atualmente, o professor segue na carreira acadêmica, concluiu seu doutorado, também em Letras, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Em 2018, o professor e escritor lançou o seu primeiro romance *Estela sem Deus*, pela editora Zouk e, em 2020, pela Companhia das Letras, lançou o romance que compõe o *corpus* desta pesquisa, *O avesso da pele*, sendo laureado com o Prêmio Jabuti (2021), na categoria Romance Literário.

Narrado em segunda pessoa por Pedro, filho de Henrique, a obra é um resgate das memórias de uma população que foi vítima da política de Estado. Ao dar tonalidade ao seu romance, o autor se apropria do conceito de *escrevivência*, cunhado pela crítica literária e romancista afro-brasileira Conceição Evaristo (2017). Na episteme da autora, a *escrevivência* é um neologismo dos termos *escrita* e *vivência* para retratar a realidade dos povos negros e favelados através das palavras, isto é, se a escrita das vivências tem poder de eternizar histórias de vidas e denunciar as extremas violências que atravessam a população racializada no Brasil, é por meio dela, então, que o romance vai ser guiado. Assim, quando o autor Jeferson Tenório (2020) deu vida a sua narrativa, ele trouxe em cena as vivências da população negra, não apenas para denunciar uma política de Estado que reflete o racismo histórico, mas para enunciar essas vozes e eternizá-las também por meio da literatura.

No romance em análise, Pedro é um jovem adolescente que vai lembrar os abusos e as violências que o pai, um homem negro e professor do ensino público, sofreu ao longo de sua vida. Natural do Rio Grande do Sul, Pedro é filho de pais negros. Criado em um lugar onde pessoas de sua raça são minorias, o narrador provoca questões sobre a solidão do corpo negro, fato este evidente na narrativa devido ao caráter de gênero das personagens, e também tenciona o imaginário popular, em que o personagem principal é um professor de classe média apaixonado por literatura.

O romance de Tenório (2020) é uma narrativa sobre a realidade que os corpos afro-brasileiros enfrentam. Ao ser alvejado pela polícia, após sair do exercício de seu trabalho, Henrique é assassinado a sangue-frio pela polícia gaúcha, deixando vários alunos e sua família órfãos. Refletindo sobre a violência que os corpos negros sofrem, o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) vai discutir o exercício da necropolítica<sup>2</sup>. Em diálogo com reflexões de autores como Michel Foucault, Giorgio Agamben e Hannah Arendt, o filósofo conceitua o termo explicando que é o exercício do Estado, enquanto soberania, que vai criar políticas públicas ditando quem vai morrer e, ao mesmo modo, quem deve viver. Mbembe (2018) utiliza-se do dispositivo foucaultiano de biopoder e discute a teoria pensando nas comunidades em que o exercício da política da morte está ramificada. Neste trabalho, tomamos como exemplo o Brasil.

Dessa forma, quando o saudoso professor e intelectual negro Abdias do Nascimento, em seu livro *O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado* (1978), escreveu o seu texto, ele já havia antecipado o conceito de política da morte trazendo para debate o racismo velado que existia aqui no país e, ao mesmo modo, contrapondo a visão do mito da democracia racial que pairou no Brasil na primeira metade do século XX. Sua obra foi escrita no contexto da ditadura militar (1964-1985) aqui no país e sua preocupação central tangia ao modo como a população negra era apagada dos registros históricos.

---

<sup>2</sup> Ao colocar na esteira discursiva o conceito foucaultiano, o filósofo camaronês pensa a necropolítica em seu âmbito africano, onde, em sua teoria, as barbáries da época colonial seguem causando transtorno às vidas negras que, aos olhos do poder público, são vistas como uma não-vida. Ciente do conceito cunhado por Mbembe (2018), a proposta neste artigo é pensar o seu operador à luz do nosso Brasil contemporâneo, em que se percebe similitudes nas políticas da morte tanto de seu território quanto aqui, em solos brasileiros.

Segundo a sua análise, o senso da década de 1960, realizado no país, retirou os critérios de raça e classe para as estatísticas desse período.

Assim, o genocídio da população negra engendrado pelo Estado na época da ditadura militar aqui no Brasil, transgredia o limite da política da morte, silenciando, ao mesmo passo, as histórias de vida e a importância dos corpos negros para a formação social deste país. Isto é, o genocídio que Nascimento (1978) traz para debate estava calcado nos aspectos corporais e epistêmicos da população negra. Assim, ao analisar a necropolítica engendrada no governo Bolsonaro, trazendo à luz a teoria do professor Abdias do Nascimento, o pesquisador Guilherme Tommaselli (2020, p. 181) endossa essa discussão afirmando que:

A questão do genocídio como já bem apontado por Abdias do Nascimento (1978), não se resume a violência policial, ela tem relação com toda uma mecânica de poder, que inclusive passa por uma política de Estado oficial de branqueamento, que visa privilegiar a população branca em relação aos negros.

Tommaselli (2020) recorre ao pensamento de Nascimento (1978) para salientar o modo como o genocídio da população negra foi incentivado ao longo dos séculos. Para o pesquisador, o pensamento de Abdias do Nascimento (1978) nos traz uma ferramenta teórica e metodológica imprescindível para se pensar o poder soberano do Estado e a sua relação com a política racista da morte.

Ao mesmo modo, a filósofa estadunidense Judith Butler (2020) vai discutir as precariedades que as minorias sociais e políticas são alçadas. Embora o fator racial não seja pensado em sua análise, a autora nos adverte sobre o modo que as políticas públicas agem de maneiras distintas para cada corpo. A precariedade que discute a autora está inteiramente ligada ao status social que o sujeito ocupa; quanto maior ele for, mais reconhecimento público terá. Butler (2020) traz esses aspectos, também, para a discussão da distribuição desigual do luto. Para ela, a vida passível de luto é a vida que é reconhecida como vida humana.

Mediante isso, o presente artigo tem como função analisar o romance do autor brasileiro Jeferson Tenório, *O avesso da pele* (2020), através das discussões

levantadas por Judith Butler (2020) sobre a precariedade corporal e a necropolítica, presente na teoria do autor camaronês Achille Mbembe (2018). Como base analítica, responderemos o seguinte problema: de que modo a literatura contemporânea de Tenório pensa a situação precária que os corpos afro-brasileiros são diariamente alçados?

## **2 Uma escrita contemporânea de um olhar de dentro: precariedade e necropolítica em *O avesso da pele***

Em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, a professora carioca Regina Dalcastagnè (2012) vai problematizar o que hoje entendemos como espaço contemporâneo. Segundo a autora, o contemporâneo é o lugar onde as lutas sociais emancipatórias devem tomar protagonismo junto a todo o seu povo, que, historicamente, ao longo de nossa formação social, foram alçados a um local de subalternidade.

O protagonismo social, para a autora, é pensado para dar amplitude às vozes que foram recalcadas ao longo das décadas. Nessa esteira discursiva, endossando o debate, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) pensa o sujeito contemporâneo como aquele que, mediante as claridades de seu século, consegue perceber a escuridão que advém de seu tempo. Isto é, o contemporâneo, no pensamento do filósofo, é o sujeito que consegue manter seu olhar fixo para as prerrogativas que surgem de sua época, ou seja, aquele que inserido em seu contexto social consegue ser crítico a ele. Diante disso, em seu texto, Dalcastagnè (2012) conceitua o que vem a ser compreendido como local de fala, sobretudo na literatura brasileira, e expõe uma análise sobre a representação do grande centro sobre as margens. Segundo ela,

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocavam, não podemos indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. [...] *lugar de fala*: quem fala e em nome de quem (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17, grifo da autora).

A professora discute, de antemão, a função social que a literatura teve ao longo dos séculos, sendo escrita e narrada no eixo europeu e, por tal fator, ter

silenciado, nesse percurso, vozes consideradas dissonantes pela mesma hegemonia. Dessa forma, a filósofa afro-brasileira Djamila Ribeiro, em seu livro *Lugar de fala* (2019), nos traz um panorama sobre essa discussão afirmando que,

[...] quem possuiu o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento (RIBEIRO, 2019, p. 24).

A filósofa brasileira, nesse fragmento, retoma o pensamento da saudosa autora negra Lélia Gonzalez para refletir como o modelo europeu se entendeu como dominante e criou padrões de vivência baseado em suas subjetividades dominantes. Mediante isso, as vozes minoritárias, que lutavam por reconhecimento no bojo historiográfico e literário, acabaram sendo suprimidas e reduzidas às representações que fogem da realidade social desse povo.

Nesse ínterim, a professora Regina Dalcastagnè (2012) descortina uma reflexão bastante latente nos debates contemporâneos: a representação. Em sua análise, a representação pode ser entendida por dois eixos: a representação exótica e a representação de dentro. A representação exótica, para a crítica literária, é discutir sobre assuntos e vivências que quem os faz desconhece. A representação de dentro, podemos entender também como a *escrevivência* agenciada pela teórica Conceição Evaristo, em seu romance *Becos da Memória* (2017). Na narrativa de Conceição Evaristo, Maria-Nova, na pré-adolescência, foi despejada da favela junto a todo seu povo para a construção de um prédio de luxo naquele terreno, antes ocupado por aquela população periférica.

Desse modo, Maria-Nova decide, através da dor, do despejo e desalento estatal, escrever as vivências de seus então vizinhos, também negros. Por meio dessa atitude, Maria-Nova, assim como o escritor Jeferson Tenório (2020), decide eternizar as vivências daquela população através da escrita. Nas palavras da autora,

[...] Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busca a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de Becos da memória (EVARISTO, 2017, p. 11).

Nesse fragmento, a teórica afro-brasileira coaduna a sua história de vida com a da sua personagem, Maria-Nova. Assim como Maria-Nova, Conceição Evaristo também foi expulsa da favela onde morava, ainda na juventude, no estado de Minas Gerais. Portanto, é desse não-local delegado aos seus pares que nasce a necessidade de agenciar as populações negras por meio da literatura. Mediante isso, em outro texto publicado pela professora, ela explica a importância do operador teórico para pensar as produções afro-brasileiras: “A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para “incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 54).

Nesse bojo, Dalcastagnè (2012) traz para reflexão a literatura de Carolina Maria de Jesus (2014), em que a dor, a escrita e a fome se inter cruzam, denunciando o caos e o abandono ao qual os corpos negros eram lançados dentro de uma estrutura, por excelência, racista. A escrita de dentro, nessa devida ordem, é a produção que parte das margens.

É na representação de dentro, portanto, que o autor Jeferson Tenório (2020) escreveu o seu romance *O avesso da pele*, para além de uma denúncia sobre como os corpos negros, pobres e periféricos são tratados pelo poder estatal e, nessa devida ordem, têm suas singularidades de vidas reduzidas a nada. A obra do autor brasileiro discute o racismo que atravessa corpos pretos e, junto, a necropolítica que atua de modo mais profundo nas camadas mais carentes do Brasil. Henrique, personagem principal no romance, é descrito por Pedro, seu filho adolescente. Negro e filho de pai preto, Pedro dá entonação à narração lembrando como o racismo estatal atua de modo a dizimar os sujeitos negros. Em uma conversa póstuma com o seu pai, Pedro dispara:

Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se, construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse o seu modo de lidar com as

coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento, você sempre será um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre um pai que se recusa a partir (TENÓRIO, 2020, p. 13).

É através de Pedro que o romancista reverbera uma situação inerente a todos os sujeitos afro-brasileiros. Ao perceber a morte do pai e o motivo, o jovem lamenta o acontecido e, assim como várias famílias vitimadas pela política da morte vigentes nas comunidades adentro, sente a falta do pai. Henrique, professor e um homem negro, foi morto ao sair do exercício de sua profissão. No entanto, a sua morte foi sentida apenas por seus familiares e alguns alunos. Percebe-se, nessa situação, que o autor brasileiro utilizou da narrativa para escancarar quais os corpos que, em uma sociedade racista, está passível para o luto. Mediante isso, aqui no Brasil, por exemplo, casos recentes trazem em cena a questão da seletividade do luto, situação essa agenciada pelo romancista.

Em março de 2022, a morte do menino Henry Borel, provocada pela sua mãe, Monique, e o seu padrasto, Jairinho (COELHO; SANTOS, 2022), provocou uma grande comoção nacional acerca do caso, resultando na indignação dos povos brasileiros e na rápida sentença dos culpados. Porém, em setembro de 2019, assassinada por um policial no complexo do Alemão (G1 RIO, 2019), no Rio de Janeiro, Ágatha Felix foi mais uma criança negra que morria na mão do Estado. Sua morte, contudo, não teve a mesma comoção nacional, nem sequer a agilidade no processo judicial do policial que assassinou a garota de 8 anos na época. É nesse quadro de guerra que Jeferson Tenório (2020) ambienta o seu romance.

Em *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*, a filósofa estadunidense Judith Butler (2020) vai questionar quais os corpos estão passíveis para ser enlutados e, ao mesmo modo, quais não. Em sua análise, a teórica *queer* chama atenção para uma situação corriqueira em nossas sociedades: a comoção pública de corpos públicos. O que leva uma morte a ser comovida e outras não? É sobre essa distribuição desigual do luto que a autora discute o assunto.

O tema a respeito do luto sempre foi pensado e desenvolvido no campo da psicanálise. Exemplos disso são as teorias de Sigmund Freud que embasaram



as problemáticas sobre o luto na perspectiva clínica. No entanto, a respeito disso, a filosofia contemporânea tratou de fazer um deslocamento do luto clínico para uma posição política e, dessa forma, trazer os seguintes questionamentos: o que leva uma vida a ser passível de ser vivida e a outras vidas a não terem os seus direitos assegurados, pensando um bem-viver coletivo? Pensando nisso, a filósofa Judith Butler (2020) vai fazer uma análise sobre as precariedades que atravessam um determinado grupo de corpos minoritários.

Retomando a discussão sobre o enquadramento proposta pela socióloga Erving Goffman, em que, segundo sua análise, todos os corpos desde sua nascença são enquadrados a um tipo específico de vida, Butler (2020) explica que para um corpo ser comovido pelo luto em sua totalidade, há, antes, de ser reconhecido como humano.

Ao relatar o episódio de 11 de setembro, nos Estados Unidos, Butler (2020) evoca como a mídia especializada tratou de falar sobre o assunto e sobre as vítimas, em que singularidades e histórias de vidas não receberam a mesma atenção que, segundo ela, deu ao autor do atentado e aos prédios que foram destruídos. Nessa perspectiva, para a autora, ser passível de luto é ter sua humanidade reconhecida, assim sua morte será lamentada publicamente. Para ela, “Assim, há sujeitos que não são exatamente reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (BUTLER, 2020, p. 17).

Trazendo essas questões levantadas por Butler (2020), podemos entender como a morte de Henrique, personagem na narrativa de Jeferson Tenório (2020), foi apenas um número para a nossa sociedade. Embora seu funeral estivesse repleto de colegas, familiares, antigos alunos e alguns reportes, sua morte não foi digna de luto, à vista da sociedade, situação essa que nos leva à análise da comoção seletiva, discutida anteriormente pela filósofa estadunidense. Assim, nas memórias de Pedro:

Era uma mistura de todos os tipos que conviveram com você: alunos, pais de alunos, seus colegas professores, amigos e sua família. [...]. Suas irmãs estavam num canto mais próximo do seu caixão. Minha vó estava desolada, calada, e permaneceu ao lado o tempo todo. A imprensa estivera no cemitério mais cedo. [...]. Todos permaneceram em silêncio, apenas minha tia mais nova,

Inaê, disse baixinho que não acreditava que aquilo tivesse acontecido, *ainda vejo ele feliz, dizendo que tinha lido um livro, lembro dele contando sobre as aulas* (TENÓRIO, 2020, p. 179, grifos do autor).

Para o narrador do romance, apenas seus familiares, de fato, sentiram a perda do jovem professor negro. Dessa maneira, o autor do romance expõe a precariedade social ao qual sujeitos negros, sobretudo no sul do país<sup>3</sup>, são alocados. Para Butler (2019, p. 15), a precariedade social, nesse caso, é entendida como formas diferentes do Estado, enquanto soberania, atuar sobre os corpos. Para a autora, ele é um fator essencial para o aumento da violência, assim ela conclui:

[...] quero demonstrar que, se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a substância corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social.

A ontologia corporal, tal qual sugere a autora, serve para repensar as *práxis* que empurram as minorias para um local onde os seus direitos básicos nem sequer são alcançados. Para Butler (2019), a precariedade está ligada, totalmente, à posição social que o sujeito ocupa, quanto menor poder aquisitivo e reconhecimento social, menos os direitos lhe servirão para uma vida digna de ser vivida. Morador de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a vida de Henrique foi marcada por diversas violências tanto físicas – quando, sempre nas ruas, apanhava da polícia ou era confundido com bandido – ou psíquica, quando se depara com os desprezos das pessoas por conta de sua raça.

Assim, declara o pai de Pedro, ainda em vida: “No sul do país, um corpo negro será sempre um corpo em risco.” (TENÓRIO, 2020, p. 184)<sup>4</sup>. Diante

---

<sup>3</sup> O censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, elucidou que 1.725.166 pessoas no sul do país se autodeclararam negras – pretas ou pardas. O montante resulta no percentual de 16,13% da população sulista. Dessa forma, aplico ênfase ao sul do país por ser uma região com o menor montante de população autodeclaradas negras no Brasil. Conferir: SAÚDE da população negra. Secretaria da saúde, S/A. Disponível em: <[https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20\(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.>](https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.>). Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>4</sup> Segundo os dados mencionados acima do IBGE, a população negra no sul do país tem 1,7% de chance maior de ser morta, referente à população branca da mesma região. Conferir: SAÚDE da população negra. Secretaria da MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 21, n. 01, p. 247-265

disso, falando sobre o quadro de guerra promovido pelo Estado, aqui no Brasil, o romancista brasileiro deixa explícito como os corpos negros são deslegitimados de suas funções autônomas, no tocante ao direito de ir e vir sem ser confrontado pela soberania.

Na manhã do dia vinte e um de agosto de dois mil e dezesseis, você foi abordado pela polícia. Você estava na frente do seu prédio esperando uma carona para ir trabalhar. Você tinha cinquenta anos e não pensava que ainda teria que passar por isso. Enquanto você conferia a hora em seu relógio, dois policiais, em motocicletas, da Brigada Militar se aproximaram de você e perguntaram o que você fazia ali parado (TENÓRIO, 2020, p. 142).

Jeferson Tenório (2020), no decorrer de sua narrativa, propõe-se a explicitar o modo como os sujeitos negros são vistos tanto pela sociedade quanto pelo poder estatal. No exemplo acima suscitado, com o personagem principal ainda em vida, seu filho discute sobre o racismo e a exclusão de corpos negros em locais reconhecidos pela elite, pois o personagem, na porta de sua casa, ao ir para mais um dia de trabalho, esperava ansiosamente pela colega de profissão que, dias antes, havia lhe oferecido uma carona.

A narrativa do autor carioca Jeferson Tenório (2020) ultrapassa a barreira social ao dar amplitude às vozes de seus personagens negros, pobres e periféricos. Nessa égide, o romancista utiliza-se, mais uma vez, das memórias de Pedro para narrar a educação de prevenção que sempre recebeu do pai. Essa educação, no entanto, era baseada a partir de uma interpelação não desejada partindo do outro. Segundo Henrique, pai do jovem Pedro, ainda com seus 9 anos de idade, o menino tinha que aprender a lidar com as situações mais adversas da vida, pensando nas barreiras que seriam impostas ao longo de sua jornada, por conta de um racismo institucional vigente em nossa sociedade. Assim, ele lembra de uma pergunta feita por seu pai:

*Pedro, você sabe quem é Deus? E eu não fazia a mínima ideia do que tinha se feito perguntar uma coisa daquelas para um menino de nove anos. Lembro que recém havia terminado de ler um livro sobre vampiros, lendas e histórias*

---

saúde, S/A. Disponível em: [https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20\(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.>](https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.>). Acesso em: 28 jul. 2022.

de terror. Então, quando você me perguntou quem era Deus, pensei em dizer: *não sei*. Diga então que você precisa pensar, que precisa de tempo. No entanto, naquele dia não queria pensar. [...]. Mas eu lembrei do meu livro sobre lendas de terror e respondi que achava que Deus era um fantasma que morava no céu. E, quando eu disse isso, você me olhou com certo espanto, e vi seu rosto se iluminar com alegria. [...]. Conforme fui crescendo, suas perguntas foram ficando mais complexas. E confesso que às vezes eu não queria ser profundo. Eu queria apenas brincar e ser como os outros filhos eram com os pais. No entanto, agora sei que você estava me preparando. Você sempre dizia que os negros tinham de lutar, pois o mundo branco havia nos tirado quase tudo e que pensar era o que nos restava (TENÓRIO, 2020, p. 60, 61, grifos do autor).

Para Henrique, seu filho tinha de saber responder todas as perguntas feitas. Seria esse motivo um modo de preparo para que o filho, quando grande, aprendesse a lidar com o racismo que irá lhe cercar ao longo de sua vida. A lembrança de Pedro, portanto, é uma metonímia das vivências e educação de pais negros para com os seus filhos. Desse modo, a filósofa afro-estadunidense Angela Davis (2016) vai elucidar como os corpos negros, ao longo de sua função histórica, foram alocados a postos de abjeção e privação de direitos essenciais a vida. Ainda em sua análise, tanto os homens quanto as mulheres negras foram esvaziados de suas humanidades e obrigados a tornarem-se corpos dóceis, de modo a servir sempre uma hegemonia branca que corroborou para o apagamento dessa mesma população. Assim, compreendemos a educação de Henrique dada a Pedro, na tentativa, sobretudo, de não fazer com que seu filho tenha um fim triste, como o que ocorreu com ele.

Diante disso, o racismo e a violência institucional são planos principais na narrativa de Tenório (2020). O referido romance pode ser analisado também da perspectiva necropolítica, uma vez que Henrique, personagem do livro, é morto pela polícia na saída de seu trabalho. Nas lembranças de Pedro:

Agora você planejava levar Kafka, Cervantes, James Baldwin, Virginia Woolf e Toni Morrison para eles [alunos]. Depois daquela noite, tudo era possível. Aquilo estava te salvando do abismo. E você nem percebeu quando os reflexos vermelhos de uma sirene bateram na parede de um prédio próximo a você. Nem percebeu a aproximação de uma viatura da polícia, e também não percebeu quando eles pararam o carro ao seu lado. Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você

parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. [...] Mas você não escutou ou não quis escutar. [...] Ele gritou novamente para você ir para a parede, ele já estava te apontando uma arma. Mas para você já não fazia diferença, porque aquela vez eles não iam estragar tudo [...]. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com homens negros invadindo a sua casa. Um tiro certeiro na sua cabeça. Os outros vieram simultaneamente (TENÓRIO, 2020, p. 176, 177).

Henrique era professor da rede pública de ensino e, antes de sua morte, ele havia levado textos de Dostoiévski para, a partir dele, discutir as realidades de cada aluno presente na turma. Cabe ressaltar que a turma era do turno noturno, do Ensino Jovens e Adultos (EJA). Nesse dia, portanto, o professor negro havia conseguido prender a atenção de todos os alunos, tal fator fez com que o professor sentisse mais que realizado em sua profissão. A partir disso, Tenório (2020) também chama atenção para a precariedade na qual os professores se encontram para realizar a sua profissão com excelência, a saber: falta de estrutura nas escolas para o ensino e aprendizagem e a falta de recursos para professores criarem aulas para além do convencional.

O assassinato de Henrique, dessa maneira, nos leva a refletir sobre a atuação do Estado aos corpos negros. Quais vidas são passíveis de luto? Quais corpos têm direito à vida e quais não? Quais corpos o Estado deixa morrer e quais ele deixa viver? Recorreremos ao filósofo camaronês Achille Mbembe (2018) para elucidar essas questões. Assim, partimos do debate sobre o conceito cunhado pelo filósofo europeu Michel Foucault (1997 *apud* MBEMB, 2018), de biopoder, em que o referido escritor pensa no poder do Estado enquanto soberania que determina quais corpos podem viver e quais ele deixa morrer. O biopoder, para o filósofo europeu, é a atuação de políticas públicas governamentais que asseguram os direitos a um grupo específico e restrito de pessoas, enquanto outras, tidas como abjetos, não os alcançam.

Embora Foucault se propusesse a analisar o eixo europeu, Mbembe (2018) vai sinalizar para uma discussão além desse centro. Para Foucault, segundo reflete o escritor camaronês, o auge da política da morte foi o Holocausto<sup>5</sup>. Mbembe (2018) concorda que esse episódio pode ser compreendido, também, como um exercício do biopoder, mas ele chama atenção para um período que perdurou por séculos no mundo e para o qual o conceito foucaultiano não foi capaz de contemplar: a escravidão. Nas palavras de Mbembe (2018, p. 27), “Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica.”

O período escravista, segundo elucida Mbembe (2018), foi um processo de total vigência do poder soberano sobre um povo alocado à subalternidade. Nessa tessitura, Mbembe (2018, p. 5) conclui que “Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como implantação e manifestação de poder”. Isto é, se o biopoder de Foucault é fazer viver e deixar morrer, a necropolítica vai se respaldar no embasamento de fazer morrer e deixar viver (MBEMBE, 2018)<sup>6</sup>, deslocando o sentido primário e abarcando uma população que, desde o período escravista, ainda carrega sequelas físicas e psíquicas.

Na teoria do filósofo camaronês, a necropolítica, em exercício com o poder soberano, captura as *não-vidas* e faz a gestão delas. Assim, o Estado, em sua posição, determina quais corpos devem morrer e a forma como isso será realizado. Ainda em seu pensamento, a necropolítica também coabita nos corpos que o poder público trata como abjetos, onde esses sujeitos vivem em condições tão precárias que a diferença entre matar e deixar viver torna-se algo trivial.

Diante disso, Mbembe (2018, p. 18) retomando a discussão com o filósofo francês, conclui que “Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’”. Poderíamos pensar também, junto a esta

---

<sup>5</sup> Esse episódio, que foi referência nos estudos foucaultiano, foi a perseguição e o assassinato de judeus organizado pelo governo soberano da Alemanha nazista. Tal fato culminou na morte sistemática de mais de 6 milhões de judeus.

<sup>6</sup> O filósofo camaronês chama atenção sobre o exercício da necropolítica. Em sua análise, ela não se perpetua apenas através do Estado, mas, também, por status sociais. Quem está no topo social também tem essa influência, discute Mbembe (2018) ao concluir seu pensamento.

teoria, as periferias brasileiras, onde a segurança pública, o saneamento básico e a estrutura social tornam-se elementos escassos. São essas periferias, que hoje conhecemos por favelas, que muitos intelectuais negros chamaram de quilombo moderno (NASCIMENTO, 2021). E são nesses locais, sobretudo, que a necropolítica atua de forma mais ostensiva.

Nesse ínterim, torna-se necessário trazer essa questão das favelas, reverberada por Jeferson Tenório (2020) em sua obra, à luz da discussão proposta pela historiadora brasileira Beatriz Nascimento (2021). Para a saudosa professora, o conceito de quilombo, desde seu aparecimento em documentos oficiais, está datado do ano de 1559. Assim, na contemporaneidade ele está em constante mudança, ressalta a intelectual. Para Nascimento (2021), os quilombos tiveram origem em terras africanas e sua intenção era, sobretudo, ser resistente ao sistema escravista. Com isso, a autora vai nos mostrando como o conceito de quilombo tem se ampliado nos dias atuais. Para a historiadora, no momento presente, as favelas se organizam como uma comunidade quilombola, aquela que, assim como em sua origem, resiste às opressões que estão baseadas na intersecção de gênero, raça e classe. É desse local de resistência que Tenório (2020) amplifica sua narrativa.

Desse modo, ao longo do romance de Tenório (2020), o poder exercido pelo Estado foi o grande responsável pelo assassinato de Henrique e, conseqüentemente, de todos outros negros apagados covardemente. Ao lamentar a morte do professor negro, Tenório (2020, p. 179-180) tenciona essa estrutura, por excelência, racista, que está vigente em nossa sociedade:

[...] um rapaz jovem, negro, que se identificou como ex-aluno, pediu para falar: *eu queria começar dizendo que eu conheci o professor Henrique Nunes na sétima série, eu tinha doze anos. E não tenho como medir tudo que ele fez por mim, tudo que ele fez por inúmeros alunos, tudo que ele me ensinou. Estou arrependido de não ter dito isso a ele. Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos* (grifos do autor).

Através do aluno que reconheceu os frutos plantados por Henrique por meio da educação, Tenório (2020) utiliza-se da literatura para denunciar

resquícios racistas e estruturais que ainda permanecem na atualidade. Dessa forma, o autor ratifica o modo como os sujeitos negros, em muitas situações, são vistos como inumanos e alvos de uma política estatal que visa o aniquilamento desses corpos; assim também endossa o intelectual negro Silvio de Almeida (2019) ao trazer para debate, em seu livro, o racismo cotidiano que segue ramificado nas estruturas sociais do Estado. Dessa maneira, o autor ajuda a fissurar uma história única que, como salienta a crítica literária Chimamanda Ngozi Adichie (2019), estereotipou essa população colocando-as em locais de abjeção e subalternização.

### **Considerações finais**

Embora o conceito sobre a necropolítica seja algo contemporâneo, a dizimação da população negra é um projeto de poder que dá continuidade às barbáries da casa-grande. Nessa questão, a literatura tem que servir como um agenciamento de enunciação da população que foram/são brutalmente silenciadas pelos dispositivos de poder. Embora tenha mostrado com excelência a condição de um homem negro nas sociedades brasileiras, a literatura de Tenório (2020) está longe de ser perfeita e reproduzir a realidade de toda a população afro.

Nela, notamos também um grande problema em relação à representação da favela, reduzindo-a apenas à violência e ao racismo. Assim, ao contrário do exposto no livro, a periferia também é um local de resistência e moradia das artes, em suas mais diversas áreas, sobretudo, literárias. Um outro fator problemático em sua narrativa é o agenciamento das personagens femininas. O texto de Tenório não deu amplitude às vozes de mulheres negras e periféricas, colocando sua personagem negra, mãe de Pedro, como uma desequilibrada em relação às outras personagens padrão. É cabível ressaltar, porém, que a escrita do autor consegue sua maestria na poetização da arte.

Colocando a relevância deste estudo nas esteiras defendidas por Butler (2020), sobre a questão desigual do luto político, conseguimos elucidar como a literatura de Tenório (2020) refletiu a condição precária que os corpos negros



estão lançados. Tudo isso tornou-se necessário graças a uma revisão bibliográfica que ajudou na argumentação desta pesquisa.

Concordando com a pesquisadora Dalcastagnè (2012) e a teórica Conceição Evaristo (2017; 2020), a nossa literatura contemporânea tem por função dar amplitude as vozes minoritárias para que, a partir dela, as nossas populações falem através dos não-locais que foram delegados aos corpos dissonantes, ao longo dos séculos, por uma estrutura hegemônica. Fissurar a história única (ADICHIE, 2019) é dar vários passos para que os sujeitos, antes excluídos no cânone, sejam reconhecidos também como históricos e ganhem protagonismos nas produções realizadas nas margens.

### **Como citar este artigo?**

CRUZ, J. V. D. da, O avesso da pele: racismo, precariedade e necropolítica no romance de Jeferson Tenório. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 247-265, 2022.

### **Referências**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?*. In: \_\_\_\_\_. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-76.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*. Tradução de Sergio Tadeu e Arnaldo Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COELHO, Henrique; SANTOS, Eliane. Caso Henry Borel: interrogados, Jairinho nega agressões e Monique diz não ter visto hematomas no filho no dia da morte. *G1 RIO*, 2022. Disponível em: <  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/09/caso-henry-borel-depoimentos-d-e-jairinho-e-monique.ghtml>>. Acesso em 28 jul. 2022.

CONCEIÇÃO, Evaristo. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

CONCEIÇÃO, Evaristo. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a*

O *AVESSO DA PELE*: RACISMO, PRECARIIDADE E NECROPOLÍTICA NO ROMANCE DE JEFERSON TENÓRIO

escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Minas Comunicações e Arte, 2020. p. 48-54.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENTENDA como foi a morte da menina Ágatha no Complexo do Alemão, segundo a família e a PM. G1 RIO, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghhtml>>. Acesso em 28 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. *Il faut défendre la société*: cours au Collège de France, 1975-1976. Paris: Seuil, 1997. p. 213-234.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. In: Alex Ratts (org.). Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2021. p. 162-167.

RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

SAÚDE da população negra. *Secretaria da saúde*, S/A. Disponível em: <[https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20\(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.](https://saude.rs.gov.br/saude-da-populacao-negra#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20autodeclarada%20negra%20(pretos,13%25%20dos%20habitantes%20do%20estado.)>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SILVA, *et al.* Estados não sabem a raça de mais de 1/3 dos mortos pela polícia em 2020; dados disponíveis mostra que 78% das vítimas são negras. G1, 2020. em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/04/22/estados-nao-sabem-raca-de-mais-de-13-dos-mortos-pela-policia-em-2020-dados-disponiveis-mostram-que-78percent-das-vitimas-sao-negras.ghhtml>>. Acesso em: 29 nov. 2021.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

DA CRUZ, J. V. D.

TOMMASELLI, Guilherme. Necropolítica, racismo e governo Bolsonaro. Caderno Prudentino de Geografia, v. 4, 2020. p. 179-199.